

O estágio de docência de pós-graduação na disciplina de estudos antropológicos em educação: Uma feliz e inesquecível experiência

Ana Felícia Guedes Trindade ¹

"Se encontrássemos nós também uma pura, contida, estreita parcela de humano, uma faixa de terra frutífera, nossa entre caudal e rocha. Pois, como eles, nosso próprio coração nos ultrapassa sempre. E não mais o podemos seguir em imagens que o acalmem ou em corpos divinos nos quais, excedendo-se, ele se modera". (R.M.Rilke)

Havia permanecido um desejo: o de partilhar a experiência singular e fascinante que foi vivida no Estágio de Docência de Pós-Graduação, na Disciplina de Estudos Antropológicos em Educação, no Curso de Pedagogia, com a Prof^a Isabel Carvalho, durante dois semestres. E este desejo foi transformando-se em possibilidade de realizar-se como escrita, a partir da proposição de trabalho da Disciplina Metodologia de Ensino Superior, ministrada pela prof^a Dr^a Maria Inês Côrte Vitória, que desafiou o grupo de pós-graduandos a viver experiências em salas de aulas de Ensino Superior como observadores de práticas metodológicas que orientam os fazeres de professores neste nível de ensino, na perspectiva de ampliar os olhares sobre as múltiplas maneiras de constituir o espaço da aprendizagem e ensinagem na Universidade.

Para quem ainda não tem experiência de Docência no Ensino Superior, a CAPES determina, em sua legislação, a necessidade dos pós-graduandos bolsistas realizarem estágios de dois semestres, com o objetivo de construir vivências da dinâmica das aulas no Ensino Superior, num lugar de observador, pesquisador, assistente e colaborador do professor titular. A Disciplina pode ser escolhida, desde que seja do mesmo campo de formação do pós-graduando e que lhe confira um espaço de aprendizagem de novos saberes. Desejei, então, realizar meu Estágio em Estudos Antropológicos em Educação por ser, a

¹ Doutoranda em Educação (PUC/RS), na Linha Pessoa e Educação, Bolsista CAPES, orientanda da Dr^a Leda Lísia Franciosi Portal. Professora da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre e Professora do Instituto de Educação Flores da Cunha nas Disciplinas de Didática Geral e Filosofia da Educação do Curso Normal.

Antropologia, uma ciência que sempre despertou-me vontade de saber, curiosidade epistemológica e entendimento ampliado de que ela, como campo científico, está presente o tempo inteiro no debate da formação e desenvolvimento do ser humano. Assim como a compreensão de que ela faz parte do conjunto das ciências imprescindíveis à própria existência da Pedagogia: Filosofia, Sociologia, Antropologia e Psicologia. Tão forte a interdependência que, sem elas, a própria Pedagogia determina seu empobrecimento político-cultural, já que os fundamentos das Ciências Humanas e Sociais constituem o coração do seu universo científico-pedagógico. Tentar explicar, compreender, interpretar, perceber, analisar os movimentos de homens e mulheres no mundo que vivemos e nos mundos que construímos para viver são exercícios imprescindíveis para o exercício da Pedagogia, numa perspectiva de compreensão ampliada das nossas humanidades. Porque os mesmos sujeitos que, desejantes de aprender e de viver experiências educativas formais ou não, portanto sujeitos da Pedagogia, são os mesmos sujeitos que produzem suas subjetividades de vida, que produzem sentidos para o que criam, que criam maneiras de existir e de viver, e estes são os sujeitos que a Antropologia quer compreender.

Estes entrelaçamentos tão preciosos entre Pedagogia e Antropologia foi o que moveu-me a realizar o Estágio Docente em Estudos Antropológicos em Educação. A percepção clara de que este Estágio configuraria-se numa nutridora contribuição para a Pesquisa do Doutorado, na qual busco aproximar estudos da condição humana bioatropoética e autopoietica capazes de produzir potência, ética, estética, autonomia e alteridade, fez com que não pensasse duas vezes em conversar sobre esta possibilidade com a professora titular e com a minha orientadora.

Não darei conta de relatar todas as vivências significativas que fizeram parte deste movimento, porque foram muitas. Assim, desejo destacar alguns elementos que foram os definidores da construção da alegria acadêmica que atravessou-me durante toda a experiência. Farei alusão às dimensões que confirmaram o compromisso político-social da Educação quando experienciada

de maneira consistente, reflexiva, crítica, por isso, repleta de amorosidade e de preocupação com o desenvolvimento do outro. Tentarei descrever, sobretudo, as impressões que me ficaram desta experiência, embora todos saibamos do quanto, em casos assim, as palavras são insuficientes para contar da intensidade do que se vive. Sobremaneira, tentarei repartir o pão e a beleza do que vivi, como Pedagogia de raiz e de essência, como experiência teórico-prática do campo que me é muito familiar há mais de vinte anos, como aquilo que eu chamaria, sem medo, de *Experiência Estética em Educação*, como venho aprendendo, com tanta beleza, com Nadja Hermann.

1. Do Acolhimento, da inclusão, da compreensão ampliada sobre a colaboração profissional que a Estagiária representava ou o Caminho do Amar

A sensibilidade e delicadeza nas atitudes de acolhimento da Professora Isabel Carvalho estiveram, desde sempre, presentes no Estágio, como movimentos de humanização permanente. Além da sua alegria ao receber-me como estagiária, me marcou muito o tratamento dispensado de respeito e generosidade. Respeito demonstrado desde a compreensão do meu lugar como uma estagiária que vinha com experiência de prática pedagógica de muitos anos em outros níveis de ensino, evidenciando consideração de minha história profissional e de minha trajetória pedagógica. Generosidade demonstrada de muitas maneiras, uma delas de me fazer compreender que tanto o espaço de docência, as salas de aulas da Pedagogia, quanto sua sala de Pesquisa do PPGEduc também faziam parte de mim, eram espaços também meus, que eu habitava e que me habitavam. Generosidade que foi aparecendo nos cotidianos, desde a combinação de reuniões em que sentamos juntas para pensarmos o planejamento do semestre, a construção dos planos de aulas, as avaliações e as maneiras de desenvolver as dinâmicas até partilhas de materiais. Sentia-me muito livre para expressar ideias e pontos de vista, porque sabia que não seriam, jamais, ridicularizados ou considerados inferiores ou negligenciados. As reuniões eram previamente combinadas; ela fazia questão de acertar

horários que também respeitavam meus horários de trabalho construía consensos, negociava, solicitava minha participação nessas decisões. Generosidade que demonstrou durante todo o processo, incluindo-me como sua colaboradora, abrindo espaços cognoscentes de pensar e elaborar juntas os movimentos pedagógicos que a disciplina exige. Senti-me parceira na construção dos saberes, dos planejamentos, das estratégias metodológicas. Certamente, senti-me assim porque ela construiu esta relação generosa - como compreende o espaço acadêmico como um lugar de experimentações científicas e de construções cognoscentes para todos, também compreende este espaço não como seu latifúndio pedagógico, como "dona de tal disciplina", "de tais campos de domínios", mas como um universo de potências humanas, que encontram-se, ali, para conviverem, enriquecerem-se e entrelaçarem-se no infinito rizoma dos conhecimentos e aprendizagens.

Suas maneiras de conviver comigo lembraram-me o tempo inteiro dos meus estudos de Biologia-Cultural com Humberto Maturana. Quando ele insiste na contínua produção de si próprio por todo e cada ser vivo, em um processo sistêmico e complexo de *autopoiese*, e lembra-nos da imprescindível necessidade de compreender a natureza do conhecer e de aprofundar a compreensão de tudo o que é vivo, desde sua evolução histórica à natureza do viver humano e de suas linguagens, penso sempre nas maneiras vivas da prof^a Isabel Carvalho fazer isso, em suas formas de viver, de construir a realidade desses viveres, de se relacionar, na vida prática, assim mesmo, com tudo e com todos. O presente cultural que construímos o tempo inteiro, e que Maturana atribui imensa responsabilidade a cada humano, porque em sua compreensão, somos responsáveis pelos mundos que geramos com nossos viveres e conviveres, é o presente cultural que essa professora constitui em sua maneira de relacionar-se com seus estudantes de Pedagogia.

O pensamento transcendente dessas relações corre no veio da *filosofia natural*, que em Maturana é a filosofia da vida presente, como assim se expressa: "Nós pensamos que alguém faz filosofia cada vez que se pergunta pelos fundamentos de seu fazer, seja qual pergunta for e em qualquer que seja o

âmbito de pensar e atuar, seja este o viver cotidiano, político, científico, filosófico ou tecnológico" (2009, p.61). Esta pergunta permanente sobre "como fazemos o que fazemos", para a Biologia-Cultural é transcendência. Porque trata de pensar essências, realidades a constituir, humanidades a ampliar, relações a humanizar. Esta trama da Biologia do Conhecer e da Biologia do Amar, nos estudos da Matriz Biológica-Cultural da Existência Humana, pela prática da filosofia natural, Maturana chama de Biologia do Amar ou o Caminho do Tao - o encontro sagrado das humanidades, reconhecendo-se como interdependentes e sistêmicas. Assim senti esta experiência, durante a travessia de dois semestres. Como uma experiência biológica-cultural-amorosa.

2. Do Compromisso político-cultural com os saberes, os conhecimentos e os planejamentos:

Os Estudos Antropológicos em Educação perpassaram uma multiplicidade de conhecimentos muito vasta. Mas o destaque fundamental a fazer, nesse sentido, foi o entrelaçamento didático e as cumplicidades pedagógicas que foram sendo constituídas para que o conjunto do plano de trabalho semestral desse conta da sequência didática, da sequência e avanço dos níveis de pensamento das acadêmicas, da sequência conjuntural dos temas do campo antropológico a garantir, e ainda, destes temas estarem afinados e dialogantes com os temas pedagógicos dos cotidianos das acadêmicas - um desafio que a Disciplina deu conta, inclusive pela capacidade da prof^a titular manter-se constantemente reflexiva sobre "como se vive o que se vive" e "como fazemos o que fazemos"- reflexões essenciais a cada passo que se dá no universo da Pedagogia, pois trata-se de compreender que a reflexão crítica e sistêmica muda o presente contínuo que se vive.

As primeiras aulas foram vividas com uma pergunta insistentemente feita: O que é Antropologia? O módulo 1 contemplou a relação entre o saber da antropologia social como o de comer um bolo, ou de um vídeo questionando "que limão é esse?", o Roque Laraia iluminando nossos estudos teóricos sobre determinismo biológico e a interferência da cultura no plano biológico e a

cultura condicionando a visão de mundo. Ou ainda, o Roberto da Matta conversando sobre o biológico e o social, ou ainda de novo, o Everardo Rocha compartilhando seus escritos sobre o Etnocentrismo, a diversidade e a colaboração das culturas.

No segundo módulo, experienciamos muitas conversações de como nos tornamos humanos. Nesses estudos entrelaçamos natureza, cultura e educação. E o maravilhoso livro de Carlos Rodrigues Brandão (2002) iluminou os estudos sobre o mundo que criamos para aprender a viver, através do aprofundamento sobre "A Educação como Cultura". Entre dinâmicas de conversações teorizadas, filmes, leituras prévias, leituras em aulas - comentadas ou a serem compreendidas, produções escritas com devoluções, partilha de uma pesquisa da Iniciação Científica realizada, através do relato da Estagiária Padula Rita Ferreira, orientações individuais e em grupos, preparações para ir a campo realizar olhares antropológicos como exercícios de enxergar o que se vê, movimentaram o segundo módulo de estudos e prepararam o sucesso dos exercícios antropológicos previstos para o terceiro e último módulo. Esse terceiro movimento dinamizou a educação da atenção para o olhar antropológico. Seminários previstos aconteceram junto com a disciplina de Sociologia da Educação, em que as acadêmicas de Pedagogia apresentaram suas observações de salas de aulas ou projetos sociais educativos na perspectiva de conjunção entre Antropologia e Sociologia e das relações interdisciplinares práticas entre esses dois campos científicos, o que recuperou saberes, conhecimentos, conversações, vivências e experiências em diálogos interculturais sistêmicos e altamente producentes. Tanto as produções escritas como as provas sempre foram pensadas e elaboradas com consistência pedagógica, com labor cuidadosamente estético, sistematizando elementos teórico-práticos trabalhados no decorrer do semestre, com profundidade adequada em relação aos temas de estudos, com estética cognoscente, com senso de justiça muito refinado em relação ao que foi estudado e o que deveria ser exigido nas avaliações.

Desejo salientar o cuidado com os conhecimentos que a prática pedagógica dessa professora toma. Pressupõe-se que como professora de um Programa de Pós-Graduação a exigência e a existência de um nível de aprofundamento teórico seja absolutamente necessário em suas práticas, e que o mesmo esteja acompanhando-a por onde ela estiver produzindo. Pois bem: nesta experiência com um Curso de Graduação, em que as acadêmicas estão chegando na Pedagogia e iniciando seus estudos em Antropologia, existe a necessidade primeira de construir pontes entre os saberes empíricos que são trazidos por elas e os conceitos científicos da natureza do currículo acadêmico, que precisam ser constituídos com "rigor metodológico", para lembrar Paulo Freire(1996). No Dicionário Paulo Freire, Danilo Streck reflete sobre o conceito de "rigor metodológico" em Freire. Diz ele:

Em Pedagogia da Autonomia, a "rigor metodológico" está posta como o primeiro saber necessário à prática educativa, antecedendo criticidade, ética e estética, alegria e apreensão da realidade. Pode se ver nisto a preocupação de Freire em indicar para os educadores que sua atividade está investida de um compromisso ético-político que não pode ser dissociado do testemunho de vida pessoal e da competência profissional. O adjetivo "metodológico" expressa a insistência de Freire no sentido de que o ensinar não se esgota na abordagem de um conteúdo, mas se alonga na preocupação com as condições de uma aprendizagem permanente. Sinaliza também o fato de que se transformar em sujeito do processo de aprender exige disciplina, esforço e permanente autovigilância com relação ao "pensar certo" e ao "ensinar certo". (STRECK, 2010, p.362)

Em Pedagogia da Autonomia, Freire estabelece relação entre o rigor e os objetos cognoscíveis:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigor metodológico com que devem se aproximar dos objetos cognoscíveis. (FREIRE, 1996, p.28)

A Prof^a titular leu e lê esta necessidade. Com uma atenção cuidadora sobre os saberes trazidos e vividos pelas acadêmicas, a professora estabelece, permanentemente, pontes entre os estados de conhecimentos que as estudantes têm constituído, os estados de conhecimentos que a Universidade deseja construir e os estados de conhecimentos imprescindíveis ao profissional da

educação contemporânea. Sem deixar desabar níveis necessários de exigência, sem "nivelar por baixo" como popularmente e seguidamente nos expressamos, sem menosprezar capacidades, sem se estremecer com ignorâncias reveladas ou mesmo ridicularizá-las, a professora manteve uma Ética tão impecável ao construir estas pontes mediadoras, que poderíamos dizer de uma beleza presente tempo inteiro, o que poderíamos chamar de uma Pedagogia da Essência, ou seja, um encontro pedagógico entre Ética e Estética a partir de experiências vividas entre ensinares e aprenderes.

A professora modulava os níveis entre o que as turmas sabiam, aproveitando sempre esses saberes e vivências trazidas de suas realidades. Nunca deixou de aproveitar e valorizar quaisquer contribuições, alusões, ideias, pontos de vista, relatos que as estudantes traziam. Mesmo quando algumas narrativas vinham de um lugar expostamente mais simples ou primário para a discussão que se estava tecendo, a professora partia daquele saber, através de afirmativas, de gestos acolhedores, de ideias congruentes que construísse pontes entre o que havia sido vivido e relatado ao que se desejava construir como um saber mais ampliado ou mais teorizado. Isto me encantava. Porque sempre acreditei nessas pontes mediadoras que Freire também sempre defendeu como princípio educativo. No meu viver como estagiária, essa questão pedagógica experimentada com a professora foi fundamental. Se o movimento fosse diferente, se eu tivesse que experimentar uma posição totalmente contrária a essa, talvez eu não conseguisse acompanhar a disciplina como espaço de Estágio, ou talvez esse aspecto bloquearia nossas intersubjetividades ou minhas análises seriam entrecortadas por uma decepção com tudo o que sempre espero de uma prática pedagógica universitária. Mas, ao contrário, essa maneira de estabelecer os lugares dos saberes e dos conhecimentos e as relações com o que é mesmo saber, o que é mesmo o não saber e o saber ainda ignorado, foi determinante para a alegria constante de viver essa experiência acreditando nela, e fazendo dela uma referência fundamental para a minha prática futura em uma Universidade, em um Curso de Pedagogia. Alegria Cultural, diria Snyders (1998, p.19), que constitui

identidades, produz novas maneiras de viver e de fazer tudo o que faz a própria vida acontecer.

3. Do que se diz e do que se vive o que se diz : a coerência de ser

No segundo módulo, estudamos A Educação como Cultura, de Brandão (2002, p.18). Em algum momento, ele lembra de Claude Lévi-Strauss, que pergunta a todos nós "se não seria este o momento de realizarmos uma reviravolta corajosa de identidades, com todas as suas consequências e, ao invés de continuarmos a nos definir como seres morais ou como sujeitos sociais, não teria chegado a hora de nos identificarmos como "seres da vida"? A cosmologia da prof^a titular se constitui nesse sentido. Ela vive, em seus cotidianos, esse sentimento de "ser da vida" e relaciona-se, com tudo e com todos dessa maneira. Seus gestos e palavras, atitudes e respostas diante das mais diferentes circunstâncias evidenciam sua amorosidade e sua grande capacidade de conciliação, respeitando a sagrada humanidade de cada um, zelando a dignidade de todos. Compreende que estamos todos interligados, que existimos em uma condição de interdependência, o que confere, em sua prática pedagógica, a maneira humilde e serena de colocar seus saberes, seus conhecimentos, seus pensares, seus modos de compreender os fenômenos. Na mesma obra, Brandão (2002, p.24) ilumina nossa reflexão sobre o aprender a viver. Assim ele expressa-se: "Antes de mais nada, viver uma Cultura é conviver com e dentro de um tecido que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, os panos, as cores, o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma Cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente"

Essa dinâmica relacional-operacional do conviver humano que presenciei nas aulas dessa Disciplina é o próprio viver, está no próprio viver. É uma proposta reflexiva de ação presente, no presente contínuo, compreendendo assim pela Matriz Ética do Habitar Humano, pela Biologia-Cultural. As possibilidades concretas de fazermos de nossas práticas pedagógicas espaços de potencialização do vivo, do humano, das humanidades que existem em cada um, em cada uma, circundam também esta reflexão-operativa de construir

culturas sustentáveis de viver e bem-viver, em que as cosmovisões organizam-se em torno da arte do viver e do conviver humano. As noites de Estágios trouxeram-me sempre este horizonte: os esforços coerentes e seguros da professora titular em abrir e ampliar o olhar sistêmico cultural de seus estudantes, reflexionando seus próprios viveres e os muitos mundos que são gerados a partir desses viveres. Os estudantes, percebendo os movimentos pedagógicos de sustentação disponibilizados, colocavam-se de maneira muito protagonista, ativamente curiosos e desejosos de saber, aprender, caminhar juntos na construção dos conhecimentos.

4. O Espírito Investigativo e a Ternura: elementos em coexistência harmoniosa

Quando concebemos que a investigação, a pesquisa, a ciência, a teoria, para serem sérias precisam ser sisudas, mecânicas, objetivas, quantitativas, racionalistas, duras, rígidas, exatas, meio incompreensíveis para a maioria, se possível é porque ainda não vivemos experiências laboriosas de pesquisa e investigação científica que se fazem pelos veios da alegria cultural, da beleza da autonomia, da esperança com que trata-se os resultados "que nascerão", da liberdade para realizar as inúmeras tentativas, do mundo desejan-te de intervenções e de buscas. A seriedade, nesse caso, encontra-se nos propósitos, nos planejamentos, na profundidade com que trata-se das coisas importantes, na pesquisa a existir para mudar realidades. A seriedade cognoscente, o rigor metódico, o compromisso intelectual, a investigação fundamentada, a curiosidade epistemológica, a consciência do inacabamento, a ética e a estética são elementos de construção permanente, regados pela reflexão crítica também permanente e pela ousadia das autorias e dos labores científicos do ofício de educar.

Das mais bonitas experiências nesse Estágio foi viver juntos, isso que parece, a tantos e tantas, paradoxal: a coexistência da investigação científica e da ternura. Com a professora titular, todos e todas nós experienciamos esses movimentos: a clareza epistemológica de todas as propostas, desde o convite a

um ato de leitura à ida a campo para exercitar o olhar antropológico. Sempre com metodologias previstas, com seu método de trabalho orientador, com definição de quais os objetivos a alcançar e com que propósitos, com estudos teóricos basilares e aprofundados, alicerçados em leituras consistentes práticas, sobretudo baseados em fundamentações antropológicas ampliadas pelas demais ciências humanas e sociais, assim estivemos: em um Laboratório de pensar e refletir a cultura humana e suas implicações no próprio desenvolvimento humano. Todos esses movimentos foram conduzidos, pela professora com Ternura, a qual eu desdobrei nessa escrita assim: ternura enquanto maneira sensível e cuidadora de ver, encontrar, perceber, considerar o outro; ternura enquanto serenidade e o bom senso em tratar os problemas mais complexos; ternura enquanto pensar a maneira mais justa de construir critérios; ternura enquanto pequenas gentilezas que movem mundos; ternura enquanto delicadezas no cuidado em não julgar ou conferir juízos superficiais, na luta visível contra quaisquer preconceitos. Seus movimentos pedagógicos, científicos, profissionais estiveram sempre amadurecendo de maneira séria, consistente, densa, porém iluminados pela ternura, pelo cuidado necessário, pela alegria, pela gentileza, pela escuta sensível, pelo olhar ampliado, pela delicadeza de suas conversações, pelo equilíbrio e coerência de suas maneiras de pensar e dizer, sentir e fazer. Assim, eu experienciei, vi, presenciei uma forte expressão bem viva de Ciência, Consciência, Existência - da coexistência do rigor científico e da amorosidade, da coexistência entre espírito científico e ternura.

Refletir sobre essa experiência sempre me comove. Porque vejo, em mim, todos os dias, o muito que ficou dela, diluída em novos movimentos que aprendi a elaborar, a fazer, a ser. Foi uma bela maneira da CAPES inserir-me no universo da sala de aula do Ensino Superior, foi uma inesquecível maneira do PPGEduc da PUCRS me conduzir para a necessidade de viver o Ensino Superior de uma outra maneira que não, apenas, estudante. E minha gratidão é imensa a essa professora que me acolheu de maneira tão singular.

O relato dessa vivência, a muitos e muitas, poderá parecer um escrito da linha dos românticos, talvez, já que pertencemos ao mundo acadêmico e não raro, desperdiçamos nossos tempos e energias a catalogar os discursos e narrativas que nos chegam. Mas isso também aprendi com Isabel Carvalho: o olhar antropológico deseja entender a sociedade na sua dinâmica de viver, de se manifestar, de acreditar, de dizer; o olhar antropológico observa, coloca-se no lugar do outro, compreende o modo de vida do outro, descentra, volta para o seu lugar e olha, suspende o seu mundo para tentar entender o mundo do outro - porque este olhar quer ver o outro, quer pensar o outro. Assim, "*estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho*", como aprendemos tanto com ela, parece ser uma das maneiras de entender o outro e de estar sensível ao mundo dele, sem que isso neutralize nossos olhares mais críticos. Esse é o meu convite: de que este ensaio seja compreendido pelos leitores e leitoras como um manifesto de alegria cultural por ter vivido, em tempos tão sombrios, de plena crise civilizatória mundial, dias de tantos aprenderes. De fato, uma inesquecível experiência ética e estética em Educação.

A Possibilidade de escrever esse ensaio e com-partir, re-partir, compartilhar, veio por um lugar tão bonito e sensível quanto este que acabo de relatar: pela Disciplina de Metodologia do Ensino Superior, ministrada pela prof^a Maria Inês que, sensível às necessidades de nossa turma de observar práticas e metodologias em salas de aulas de Ensino Superior, propôs, logo a seguir, o registro desses olhares. Desejo expressar que as aulas dessa disciplina também são verdadeiros encontros de humanidades, onde a Metodologia de Ensino Superior existe como chave para a ampliação e a reflexão dos olhares sobre o universo pedagógico. E só por isso foi possível extravasar a experiência de meu Estágio: porque veio como um convite amorosamente necessário da parte de uma educadora extremamente dedicada aos seus estudantes, de um espaço-aula constituído como uma grande roda de reflexões sobre a Educação, para uma revista, que por escrito e por escritas, tem o desejo de ser repartida com todos e todas.

Assim fez-se o desejo de registrar e partilhar esta experiência: como as águas que brotam das nascentes - límpidas e cristalinas - apenas com o propósito de jorrar, se juntar aos rios, correr para os mares, dizer suas vertências, marejar e se encontrar e marejar com tantas outras águas, densas, profundas, rasas, cristalinas. Mas, com outras águas, se encontrar. E marejar. Esse foi o singelo propósito do presente ensaio.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

MATURANA E YÁNEZ, Humberto e Ximena. **Habitar Humano em seis ensaios de Biologia-Cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

SNYDERS, Georges. **A Alegria na Escola**. São Paulo: Editora Manole, 1988.

STRECK, REDIN E ZITKOSKI, Danilo, Euclides e Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.